



Viagem pelo cordel nos braços do Brasil Literatura de Cordel no Brasil : Formas, manifestações, expansão¹

Adriana CATTELANI²

Juliana DIAS³

Ricardo RIBEIRO⁴

Sarah PAGLIAI⁵

Mônica Pergurer CAPRINO⁶

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, SP

RESUMO

A Literatura de Cordel é originária da Península Ibérica e foi trazida ao Brasil pelos colonizadores. A partir daí, expandiu-se pela região Nordeste e, gradativamente, foi adquirindo características locais. Com o passar do tempo, o cordel falado, cantado ou em folhetos, passou a ser uma forte manifestação da comunicação popular do Nordeste e de incentivo à educação. À medida que os imigrantes nordestinos se espalharam pelo país, a Literatura de Cordel influenciou e foi influenciada por costumes, crenças e ideais de outras regiões. Hoje, é possível identificar elementos do cordel no cinema, teatro e música, das mais diversas localidades brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: literatura de cordel; cultura popular; folhetos nordestinos.

1 – INTRODUÇÃO

O primeiro trabalho de cordel foi registrado no Brasil em 1893. A obra é de Leandro Gomes de Barros, cordelista considerado, até hoje, referência desta literatura, com mais de dez mil folhetos vendidos. Antes disto, a Literatura de Cordel era disseminada de forma oral. Quem sabia ler e escrever, podia ser o próprio cordelista ou um vendedor, recitava o texto em voz alta em feiras e praças públicas para vender folhetos. Muitas vezes, mesmo os analfabetos acabavam levando um para casa, para sempre que possível pedir que outra pessoa o lesse, novamente. Outra maneira de disseminação de histórias pelo cordel são as cantorias. Até hoje, muitos nordestinos se reúnem para ouvir uma história em cordel, seja pelos poetas de bancada (cordelistas que apenas escrevem e recitam, mas não cantam), ou pelos repentistas (aqueles que fazem o verso de maneira improvisada, acompanhados de uma viola ou violão).

À medida que os nordestinos migram para as demais regiões do país, o cordel

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro reportagem.

² Líder do grupo e graduado no Curso de Jornalismo em 2008, email: dri.cattelani@gmail.com.

³ Graduado no Curso de Jornalismo em 2008, email: juadias@hotmail.com.

⁴ Graduado no Curso de Jornalismo em 2008, email: vouvoando@ig.com.br.

⁵ Graduado no Curso de Jornalismo em 2008, email: sarah_tgp@hotmail.com.

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: mcaprino@uol.com.br



começa a se espalhar e a se misturar com outras culturas regionais. Os temas dos poemas e cantorias também são influenciados e enriquecidos conforme outras tradições, realidades e contextos históricos são inseridos. Mesmo assim, o cordel mantém um público similar: migrantes nordestinos ou sertanejos, de maneira geral, mesmo que de outras regiões.

Por muito tempo, os folhetos assumiram o papel de jornal do povo, repassando aos sertanejos as notícias veiculadas nos jornais, em forma de versos e, na maioria das vezes, opinativa. O cordelista lia a informação e a reescrevia à sua maneira ou da maneira que ele acreditava que seria entendida e bem aceita pela população.

O poeta procura a sua versão, a partir do noticiado ou ocorrido e nessa decodificação é que ele encontra utilidade de executar conscientemente o seu papel de decodificador popular. É a sua versão que vai importar, em última instância, para o leitor específico de seus folhetos. (LUYTEN, 1992, p.42)

Como explica Gonçalo Ferreira da Silva, presidente Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), muitos acreditavam mais no que era dito nos cordéis do que no que viam nos jornais. Desta forma, mesmo após a chegada do rádio, na década de 1940, o cordel mostra o seu poder, principalmente pelos folhetos circunstanciais, que informavam sem a "frieza" da imprensa tradicional. Mais do que isso, o cordel fez uso do rádio para a sua difusão.

A Literatura de Cordel não modificou o rádio (nem nenhum outro *medium*) no sentido de alterar sua essência. Entretanto, a presença do Cordel no rádio por horas semanais tem aumentado consideravelmente. É sobretudo nos anos da década de 80, quando o Rádio cada vez mais se regionaliza a fim de fazer frente à abrangência nacional das grandes redes de televisão, que programas que incluem cantorias e Literatura de Cordel são cada vez mais cogitados. (LUYTEN, 1992, p.41)

Vários estudiosos, escritores, músicos e cineastas se interessaram pela Literatura de Cordel e acabaram por levar suas influências para os meios de comunicação de massa. Moacyr Góes, por exemplo, adaptou o folheto *As pelejas de Ojuara contra o diabo*, de Nei Leandro de Castro, para o cinema, no filme *O Homem que desafiou o Diabo*, de 2007. Músicos como os da banda Cordel do Fogo Encantado cruzam o Brasil cantando versos em cordel. Diferentemente de quando começou a ser espalhada pelos migrantes nordestinos, a Literatura de Cordel, desta forma, chega da mesma maneira a milhares de lares, de diversas camadas da sociedade, aproximando duas culturas de finalidades diferentes: a de massa e a popular.



A expressão Cultura Popular tem a vantagem de assimilar aquilo que a ideologia dominante tem por finalidade ocultar, isto é, a existência das divisões sociais, pois referir-se a uma prática cultural como popular significa admitir a existência de algo não-popular que permite distinguir formas de manifestação cultural numa mesma sociedade. A noção de massa, ao contrário, tende a ocultar as diferenças sociais, conflitos e contradições. (CHAUÍ, 1989, p.10)

Poetas, pesquisadores e interessados nesta literatura popular também incentivam a disseminação do cordel nacionalmente, por meio de projetos de inserção da Literatura de Folhetos Nordestinos nas escolas, concursos culturais e eventos. É importante ressaltar que a Literatura de Cordel teve um papel fundamental na alfabetização de vários sertanejos nordestinos, que aprendiam a ler pelo interesse nos folhetos. Mesmo assim, as ações de incentivo ao cordel e sua inserção em sala de aula ainda são poucas, perto do que poderia ser feito.

Mesmo depois de várias promessas de extinção, o cordel sobrevive em meio à modernidade e, hoje, pode ser visto pela TV ou pelo computador, lido em *sites* ou *blogs*. O público não se restringe aos sertanejos nordestinos, mas se expande aos pesquisadores, professores e estudantes universitários. Os autores também não são os mesmos: sertanejos semi-analfabetos de regiões isoladas do país passam a dividir espaço, ou mais precisamente, obras, com bacharéis, mestres e doutores de todas as regiões.

O cordel se mostra versátil e de fácil adaptação a novas realidades. Porém, esta adaptação ainda é polêmica, principalmente entre os cordelistas mais conservadores, que se preocupam com a extinção do cordel "autêntico", como vemos na declaração de Orígenes Lessa, durante a I Jornada de Literatura de Cordel, realizada na Universidade de Campinas, em maio de 1982:

O cordel está muito vivo, tem autores notáveis e em também o seu público, embora o leitor natural esteja minguando, aos poucos, em relação ao público artificial que são estudantes, pesquisadores. Isso é originado pela deformação de cordel em função dos mais variados meios de interferência de comportamento, impostos por uma série problemas de ordem social, política e ainda pelos meios de comunicação eletrônica. (*Jornal da Tarde*, São Paulo, 5.5.82 apud LUYEN, 1992, p.22)

2 – OBJETIVO

O trabalho foi desenvolvido na forma de livro-reportagem, com o objetivo de apresentar a Literatura de Cordel para quem ainda desconhece e servir como fonte de consulta aos iniciados no tema. O livro faz uma abordagem analítica da expansão desta literatura por todos os cantos do Brasil, passando por preconceito e indo até a valorização dessa literatura nas salas de aula, telas de cinema e etc. A intenção é que o leitor reconheça



a importância histórica desta literatura e o trabalho dos que promovem ações para a sua divulgação e valorização. Além disso, a leitura possibilita a identificação de elementos do cordel em filmes, músicas, minisséries, entre outras manifestações culturais do cotidiano, uma vez que muitos veem, leem, ouvem e comentam Literatura de Cordel sem saber, ao certo, do que se trata. Por fim, o trabalho mostra como a modernidade e os elementos da globalização atuam a favor da disseminação do cordel e, ao mesmo tempo, geram polêmica entre os mais conservadores.

3 – JUSTIFICATIVA

Obras sobre a Literatura de Cordel são poucas, se comparadas às de outras literaturas como, por exemplo, a erudita. Esta realidade faz do nosso produto um diferencial no mercado, ainda mais por se tratar de um livro reportagem e não apenas um estudo do tema. O trabalho gera a oportunidade de conhecer um pouco melhor as pessoas que criam, recitam, cantam e incentivam esta literatura e do quanto estas ações são fruto de um trabalho é árduo e importante para a preservação e manutenção desta manifestação da cultura popular.

4 – MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para o desenvolvimento do trabalho, foi necessário conhecer grande da produção bibliográfica do professor Joseph M. Luyten, principal estudioso brasileiro de Literatura de Cordel. Além do especialista Luyten, foram utilizadas referências mais amplas, como o trabalho “Antologia de Folhetos de Cordel: amor, história e luta”, da pesquisadora e professora da Unicamp, Márcia Abreu. Também foi feita a pesquisa da vida do autor de maior representatividade da Literatura de Cordel, Leandro Gomes de Barros, com a ajuda significativa da bisneta do irmão de Leandro, Cristiane de Nóbrega, que nos indicou os livros da pesquisadora Ruth Terra, como sendo a mais fiel estudiosa sobre a vida do poeta nordestino. Além de pesquisas e consultas em livros, sites, revistas e todo material didático, o grupo fez uma imersão no universo da Literatura de Cordel: participou de um curso ministrado pelo educador César Obeid – que deu aos autores mais conhecimento sobre o tema e suas métricas – de seminários, como a aula espetáculo com o poeta e teatrólogo, Ariano Suassuna, e de eventos específicos da Literatura de Cordel, como o lançamento da revista Cultura Crítica, desenvolvido pela Apropuc, e que reuniu, pessoalmente, grande parte do poetas que haviam sido pesquisados. Os cantadores da União de Cordelistas, Repentistas e Apologistas Nordestinos (UCRAN) também deram contribuições importantes



para o conteúdo do trabalho. Durante o desenvolvimento do trabalho, a presença de profissionais sérios e dispostos a contribuir foi marcante. Foram entrevistadas dezenas de poetas - refletidos em 35 entrevistas - artistas do teatro e da música, pesquisadores e estudiosos. Abaixo, segue a relação das fontes entrevistadas:

- Adoração Sanches, funcionária da Biblioteca Belmonte.
- Américo Pellegrini Filho, pesquisador e professor da Universidade de São Paulo.
- Ângela Ferraz de Carvalho, professora de História para ensino médio.
- Ariano Suassuna, poeta e teatrólogo.
- Arievaldo Viana, cordelista e educador.
- César Obeid, cordelista e educador.
- Cida Pedroso, poetisa, uma das criadoras e responsável pelo site Interpoética.
- Cristiane Bocco, professora da E.M.E.F. Esperança de Oliveira.
- Cristiane de Nóbrega, professora na Universidade Federal de Pernambuco.
- Ednilson Xavier, presidente da Livraria Cortez.
- Evanildo Pereira, repentista.
- Francorli Lourenço, repentista.
- Gláucia Suellen, professora de Língua Portuguesa.
- Gonçalo Ferreira, presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC).
- Gustavo Dourado, bacharel em Letras e cordelista.
- Iraê Mota, jornalista e professora da Universidade do Vale do Ipojuca.
- Ivone da Silva Ramos Maya, pesquisadora da Universidade Federal Fluminense, RJ.
- Jénerson Alves, membro da Academia Caruarense de Literatura de Cordel.
- José Cândido, repentista
- Klévisson Viana, cordelista e editor chefe da Editora Tupynanquim.
- Lenine, músico.
- Luciana Rabelo, jornalista e cordelista.
- Luzivan Mathias, repentista.
- Marcílio Rodrigues, supervisor da Livraria Cortez.
- Marco Haurélio, cordelista e estudioso da Literatura de Cordel, membro da ABLC, educador e coordenador da Coleção Clássicos do Cordel, da editora Nova Alexandria.
- Marcos Buccini, designer e professor da Universidade Regional do Cariri (URCA)



- Maria Alice Amorim, jornalista e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP)
- Manoel Monteiro, cordelista e educador.
- Moreira de Acopiara, cordelista membro da ABLC
- Rodrigo Assis, funcionário do Departamento de Comunicação –CPTM.
- Roseli Franca, coordenadora de Estudos e Normas Pedagógicas do Estado de São Paulo.
- Rubênio Marcelo, secretário geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Um dos membros fundadores da Academia Virtual Brasileira de Letras (AVBL).
- Sebastião Marinho, repentista e presidente da União dos Cordelistas e Aspologistas do Nordeste (UCRAN).
- Sônia Maia Bibe Luyten, pesquisadora e jornalista.
- Varneci Nascimento, editor-chefe da Editora Luzeiro.

5 – DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Viagem pelo cordel nos braços do Brasil é um livro reportagem que apresenta a Literatura de Cordel a quem ainda não conhece e serve como fonte de pesquisa aos iniciados no tema, mas não se prende a uma linguagem didática. O diferencial do produto, no mercado, é a abordagem analítica a respeito da forma como se dá a expansão dessa manifestação da cultura popular, ainda tão marginalizada, em todos os cantos do Brasil. Exemplos, reportagens e opiniões de quem entende são peças-chave para uma leitura agradável. Além disso, são exploradas as relações entre a Literatura de Cordel e as artes contemporâneas, incluindo as veiculadas pelos meios de comunicação de massa. O livro está dividido em uma introdução e quatro capítulos. O projeto gráfico é fiel aos elementos do cordel, a começar pela ilustração da capa, uma xilogravura da artista plástica Tatiana da Silva. Além disso, todos os capítulos são introduzidos por xilogravuras de artistas diversos e estrofes que obedecem às rimas e métricas do cordel, criadas pelos autores do trabalho. O produto impresso tem formato de 14 x 21 centímetros e 107 páginas, sendo o miolo trabalhado em papel *offset color plus* marfim, 80g e a capa em *kraft* 230g, colado em uma capa dura, com lombada quadrada.

5.1 – ESTRUTURA

5.1.1 – Introdução: Ele chega sem cordão, e ainda assim cordel se espalha no sertão



A Introdução tem como principal papel contar, de forma clara, a história da Literatura de Cordel em terras brasileiras. Como personagem central da Introdução, está o poeta Leandro Gomes de Barros, que tem papel fundamental na tradição dos folhetos, pois trabalhou exclusivamente com cordéis. Para contextualizar a vida do poeta, temos Cristiane de Nóbrega, bisneta do irmão de Leandro.

5.1.2 – Capítulo 1: Sendo o jornal do povo, o folheto de cordel traz em si tudo o que é novo

Neste capítulo, são abordados os temas tratados nos folhetos de cordel, suas intenções, formas de manifestação, importância e influência, principalmente entre os sertanejos nordestinos. As tentativas de classificação desta literatura também são analisadas. Dá-se ênfase ao papel do cordelista como jornalista do povo e à credibilidade a ele atribuída. Aborda-se a polêmica e o preconceito presentes entre os poetas mais conservadores e os da "nova geração", passando pela marginalidade atribuída, até hoje, à Literatura de Cordel. Um dos pontos-chave da discussão deste capítulo é a maneira com a qual são feitas críticas sociais e políticas, por meio dos versos de cordel, implícita ou explicitamente, de acordo com a situação e o contexto, também analisados.

5.1.3 – Capítulo 2: Um papel bem importante, o de poder educar, se verá logo adiante”.

Neste capítulo, a Literatura de Cordel é mostrada na sala de aula, cumprindo o seu papel no processo de alfabetização, principalmente na região nordestina do país. A falta de preparação do professor para levar essa literatura até os alunos, o preconceito enfrentado pelo cordel por parte de alguns educadores e a preocupação dos poetas para que o cordel seja aprendido de forma correta, com fidelidade a sua história, métricas e rimas, também são a descritos nessa parte do livro. Contudo, mostramos a Literatura de Cordel não apenas nas escolas e universidades, mas fora dela também, como por exemplo, na difusão de projetos culturais que utilizam essa literatura de forma educativa e incentivam sua divulgação.

5.1.4 – Capítulo 3: Cinema, arte e cantoria: tudo isso tem cordel, você ainda não sabia?

No capítulo três, os meios de comunicação de massa serão explorados, exemplificados e contextualizados no cotidiano do brasileiro, com o objetivo de mostrar



como a Literatura de Cordel entra, literalmente, na casa de cada brasileiro. Manifestações como música, cinema, teatro e publicidade, são exemplificadas dando ênfase àquelas que levam o conceito de cordel em sua essência. Também é destacada a forma como o cordel é apresentado pela mídia e as adaptações necessárias para uma melhor compreensão desta arte.

5.1.5 – Capítulo 4: O futuro do Brasil pelas rimas do cordel

Este capítulo busca mostrar ao leitor as perspectivas do futuro do cordel, com base em estudos e opiniões de especialistas, com as novas tendências resultantes de fusões culturais e avanços tecnológicos. Dentro deste contexto, a internet tem papel significativo e se mostra grande aliada à disseminação da Literatura de Cordel. Os folhetos impressos também evoluem, podendo ser encontrados em formatos mais sofisticados, menos rudimentares, a fim de atingir um público diferenciado. Mais do que isso, novas abordagens e ideologias se formam, mostrando que as mudanças e adequações da Literatura de Cordel à modernidade podem ser mais amplas do que se imaginava.

6 – CONSIDERAÇÕES

A Literatura de Cordel nos fez ver um Brasil que antes não enxergávamos. Passamos a encontrar essa literatura onde não observávamos antes, como em exposições, livros e manifestações artísticas. Percebemos que o cordel se faz presente e é importante, mas ainda falta quem o defenda.

É importante ressaltar a importância da assessoria da professora Mônica Caprino, orientadora do grupo, e de outros professores, como Roberto Elísio dos Santos e Priscila Ferreira Perazzo, para que chegássemos ao produto final.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, Mercado de Letras, 1999.

ABREU, Márcia. **Antologia de Folhetos de Cordel: amor, história e luta**. São Paulo, Salamandra – Moderna, 2005.

ACADEMIA Brasileira de Literatura de Cordel, 2008. Conteúdo do site disponível em: <<http://www.ablc.com.br/>>. Acessado ao longo da pesquisa.



AMARAL, Emília; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo; ANTÔNIO, Severino. **Português Ensino Médio**. São Paulo, FTD, p 119-120, 2000.

APARECIDA, Ribeiro dos Santos; MENDONZA, Babette Almeida Prado; ELIAS, José. **O Rap Reinterpretando na Rima o Dia a Dia da Comunidade**. Trabalho apresentado no Núcleo de Folkcomunicação, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Minas Gerais, 2003.

A PELEJA da poesia popular contra a vida agreste. **Revista Palavra**, n. 10, p. 25-30, abr/2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. São Paulo, Brasiliense, 6 ed., 1994.

CÂMARA Brasileira dos Jovens Escritores. Cordel Pedagógico. Conteúdo do site disponível em <<http://www.camarabrasileira.com/cordel03.htm>> Acessado em abr/2008

CAMARGO, José Eduardo; SOARES L. **O Brasil das placas: Viagem por um país ao pé da letra**. São Paulo: Panda Books, 2007.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo, EDUSP, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1996.

COMUNIQUE-SE. Gilberto Gil lança Banda Larga Cordel em coletiva online. Disponível em <http://www.comuniquese.com.br/webcast/gilbertogil/20080514_Por/index.asp> Acessado em jun/2008.

CORDÃO, CORDEL, CORAÇÃO. **Revista Cult**, n. 54, p. 05-10, jan. 2002.

CORDEL a toda corda. **Revista D.O. Leitura**, São Paulo, a. 19, n. 7, p. 38-45 jul/2001

CULTURA CRÍTICA. **Revista Cultural da Apropuc**, São Paulo, PUC, n. 6, p 04-106, jul. 2007.

D'ALMEIDA, Alfredo Dias. **Folkcomunicação: de comunicação dos marginalizados a meios de expressão dos dominados**. Trabalho apresentado no Núcleo de Folkcomunicação, XXVI Congresso Anual de Ciência da Comunicação, Minas Gerais, 2003.

HAURÉLIO, Marco. A Grande Travessia do Cordel e seus Briosos Vates pelo Cicântico Mas das Letras Brasileiras. **Revista Discutindo Literatura**, São Paulo, Escala Educacional, ano 4, n.19, ago/2008, p.34-43.



LIMA, E. P. . **Páginas Ampliadas: O Livro-Reportagem Como Extensão do Jornalismo e da Literatura.** São Paulo, Manole, 3 ed., 2004.

LITERATURA de Cordel. **Revista Problemas Brasileiros**, São Paulo, n.12, p 32 –35, mar/abr. 2003.

LITERATURA de Cordel. **Revista Panorama Editorial**, São Paulo, n. 6, p 36 – 42, dez/jan 2007/2008.

LUYTEN, Joseph M. **O que é Literatura de Cordel.** São Paulo, Brasiliense, 2005.

LUYTEN, Joseph M. **A notícia na literatura de cordel.** São Paulo, Estação Liberdade, 1992.

LUYTEN, Joseph M. **A Literatura de Cordel em São Paulo: saudosismo e agressividade.** São Paulo, Loyola, 1981.

LUYTEN, Joseph M. **O que é Literatura Popular.** Ed. V98. SãoPaulo, Ática, 1988.

LUYTEN, Joseph M. **Sistemas de Comunicação Popular.** São Paulo, Ática, 1998.

MINISTÉRIO da Educação, 2008. Secretária de Educação Básica e Secretária de Educação Superior. Conteúdo do site disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/index.php>>. Acessado em abr/ago 2008.

NASCIMENTO, Genivaldo. **Literatura de Cordel no Espaço Escolar em Petrolina-PE.** Trabalho de Pós-Graduação em Educação, Mestrado e Doutorado defendido na Universidade de Pernambuco, Pernambuco, nov. 2002.

NEMER, Sylvia Regina Bastos. **A Função Intertextual do cordel no cinema de Glauber Rocha.** Tese de Doutorado, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

NETO, Geraldo Magella de Menezes. **Os japoneses nos folhetos de cordel no período da Segunda Guerra Mundial.** Trabalho apresentado no IV Simpósio Nacional Estado e Poder: Intelectuais, Maranhão, 2007.

NOBRE, Francisco Silva. **Um Cearense Chamado Gonçalo.** Rio de Janeiro, Diversas, 2002.

OBEID, César. **Minhas Rimas de Cordel.** São Paulo, Moderna, 2005.

OBEID, César. **Vida rima com cordel.** São Paulo, Salesiana, 2007.



OBEID, César. Teatro de Cordel, 2008. Conteúdo do site disponível em <<http://www.teatrodecordel.com.br/>> Acessado ao longo da pesquisa.

O BRASIL do Cordel. **Revista Ocas**. São Paulo, n. 10, nov/dez 2006, p 25 – 29.

OLIVEIRA, Maria José. **Bendito Sejam: uma nova maneira de perceber a Literatura de Cordel**. Trabalho apresentado no Núcleo de Folkcomunicação, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Minas Gerais, 2003.

SILVA, Dilsom Barros da; BARBOSA, Vilma de Lurdes. **A Literatura de Cordel no Ensino da Geografia**. Trabalho apresentado no Centro de Educação/Departamento de Metodologia da Educação/PRAC/Programa Conexões de Saberes/Extensão da Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, out. 2001.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memórias de lutas: primórdios da literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)**. São Paulo, Global, 1983.